

ESTUDO CLÍNICO EPIDEMIOLÓGICO DOS PACIENTES COM OSTEOSSARCOMA TRATADOS PELO GRUPO DE TUMORES ÓSSEOS DO RIO GRANDE DO SUL.

Rech, A., Castro Jr., C.G., Mattei, J., Gregianin, L.J., Di Leone, L.P., Carvalho, G.P., Riveiro, L.F., David, A., Tarrago, R., Abreu, A., Petrilli, A.S., Brunetto, A.L. Serviço de Oncologia Pediátrica/HCPA; Serviço de Radiologia/Hospital Mãe de Deus; Serviço de Tumores do Aparelho Locomotor e Serviço de Patologia/Santa Casa de Porto Alegre; Instituto de Oncologia Pediátrica/UNIFESP/SP. Outro.

Objetivos: conhecer o perfil epidemiológico das infecções respiratórias virais em crianças em tratamento quimioterápico e neutropênicas no HCPA, utilizando um recurso diagnóstico já disponível em nosso meio.

Materiais e métodos: realizadas coletas de secreção nasofaríngea, para o teste de imunofluorescência, de todos os pacientes em tratamento quimioterápico que necessitaram internação no Serviço de Oncologia Pediátrica do HCPA por febre e neutropenia no período de dezembro de 2001 a maio de 2002.

Resultados: até o momento foram coletados amostras de secreção nasofaríngea de 68 pacientes. Destes 54,4% são do sexo masculino e 45,6% do feminino. A idade média foi de 7,4 anos (1,7 a 16,2 anos). Em 97,1% dos casos não havia disfunção respiratória ao diagnóstico. A frequência de outros sintomas respiratórios eram: 42,6% tosse, 39,7% coriza nasal, e em 20,6% o aspecto da secreção coletada era purulenta. O raio-X de tórax foi normal em 64,7% dos casos e o raio-X de seios da face mostrou espessamento da mucosa em 58,8% dos casos. Quanto ao número de coletas x estação do ano, até o momento a maioria das coletas ocorreu entre os meses de março a maio (61,7%). O teste de imunofluorescência foi positivo em 26,5% dos pacientes, sendo 7 (10,29%) deles para vírus sincicial respiratório, 3 (4,41%) parainfluenza tipo 1, 1 (1,47%) parainfluenza tipo 2, 2 (2,94%) parainfluenza tipo 3, 4 (5,85%) influenza A e 1 (1,47%) influenza tipo B.

Conclusão: a disponibilidade de um diagnóstico de etiologia viral nos pacientes neutropênicos febris em tratamento quimioterápico permite o conhecimento de nossa flora viral local.

Implicação clínica: o estudo segue em andamento para conhecermos o impacto destas informações no prognóstico e tempo de tratamento destes pacientes.